

Centro Universitário de Brasília - UniCeub
FASA – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

Mães solteiras: apoio ou exclusão?
Um estudo das revistas *Crescer e Pais e Filhos*

por Tatiana Alves Rosa

Brasília
2005

Centro Universitário de Brasília - UniCeub

FASA – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

Mães solteiras: apoio ou exclusão?

Um estudo das revistas *Crescer e Pais e Filhos*

Análise de discurso e conteúdo das revistas *Crescer e Pais e Filhos*, apresentada como exigência legal para conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Sérgio Euclides

Aluna: Tatiana Alves Rosa

Brasília

2005

1° Examinador: _____

2° Examinador: _____

3° Examinador: _____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Rosalba, ao meu pai Maurício e à minha irmã Paula, que cuidaram pacientemente do meu filho Vítor enquanto eu me dedicava a este trabalho; e ao meu orientador, pela grande paciência com esta mãe de primeira viagem.

SUMÁRIO

Introdução	06
<u>Referencial Teórico</u>	
Cap. I – Revistas: definição e história	07
Cap. II – Mães solteiras – definições, história e estatísticas	16
<u>Análise</u>	
Cap. III – Revistas Crescer e Pais e Filhos – análise do discurso de 04 exemplares ..	26
Cap. IV – Entrevistas	34
Conclusão	38
Bibliografia	40
Lista de figuras	42
<u>Anexos</u>	
Histórico das revistas no Brasil	44

INTRODUÇÃO

Este documento foi elaborado como item obrigatório para graduação do curso de bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo e analisa de que forma as revistas *Crescer e Pais e Filhos* apresentam suas matérias, sob a ótica das mães solteiras. Por meio de entrevistas e análise de reportagens, procura-se responder a perguntas como “as matérias podem ser lidas e utilizadas por mães solteiras ou casadas?” e “a menção aos pais na revista constrange ou é considerada normal?”.

A idéia do tema surgiu durante algumas conversas com o orientador deste trabalho. Inicialmente, o objetivo era simplesmente analisar o conteúdo destas duas revistas. Porém, Sérgio Euclides viu algo além e sugeriu o tema, que foi prontamente aceito e desenvolvido.

Como pode ser visto no segundo capítulo, o tema “mães solteiras” nunca foi tão atual. Com o passar do tempo, o assunto foi deixando de ser um tabu, embora nunca tenha sido totalmente aprovado pela sociedade. Nada mais indicado para ser um objeto de estudo, tendo como referencial as duas mais importantes e lidas revistas de puericultura do Brasil.

O conteúdo desta monografia foi dividido em duas partes: Referencial Teórico e Análise. As duas compostas por dois capítulos cada. Ao final, pode-se encontrar a Conclusão, a Bibliografia, os Anexos e a lista de figuras.

No Referencial Teórico são apresentados a história e a definição do veículo analisado (revistas), além de algumas definições, contexto histórico e estatísticas sobre mães solteiras, no Brasil e no Mundo.

Na Análise, encontra-se o desenvolvimento do trabalho, com o exame e a descrição de dois exemplares da revista *Crescer* e dois da revista *Pais e Filhos*. Também na segunda parte, pode-se encontrar as entrevistas com as mães sobre as duas revistas. E, finalmente, na Conclusão estão o resumo e apresentação dos resultados e conclusões acerca do assunto.

JUSTIFICATIVA

O tema tem grande relevância e é pouco debatido, tanto pela mídia quanto pelas publicações mais tradicionais, como os livros. A dificuldade de se encontrar referências para o embasamento desta monografia foi grande e, em sua maioria, as informações foram retiradas de livros que tratavam sobre outros assuntos, mas que abordavam também este tema em alguma parte. Uma verdadeira “colcha de retalhos”, por assim dizer.

Talvez este trabalho não atinja repercussão suficiente para produzir uma mudança visível nas abordagens das revistas de puericultura em relação às mães solteiras. Mas, assim como a fábula do menino que jogava as estrelas do mar, uma a uma, de volta para a água, este trabalho também estará fazendo sua parte.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem o objetivo de avaliar e analisar se as reportagens e o conteúdo em geral das revistas de puericultura *Crescer e Pais e Filhos* incluem também entre o seu público alvo as mães solteiras ou se, ao contrário, elas sentem-se marginalizadas pela freqüente referência aos pais e pela ausência de temas relacionados à sua situação.

METODOLOGIA

Foi utilizada neste trabalho a metodologia de análise de textos e entrevistas com mulheres que são mães, casadas e solteiras. Foram entrevistadas duas mães casadas e duas solteiras, para efeito de comparação. Também foram analisados dois exemplares de cada uma das revistas: uma *Crescer* e uma *Pais e Filhos* de dezembro (com foco para o Natal) e uma de cada de outubro (com foco para o dia das crianças). Todos os exemplares são recentes (2003 e 2004), porém o mote para agrupá-las foi o assunto/mês de publicação, sendo desconsiderado o ano.

Capítulo I

Revistas – definição e história

Periódicos

Na literatura brasileira, palavras como publicações periódicas, periódicos, publicações seriadas e revistas apresentam-se como sinônimos. Neste sentido, publicações seriadas são consideradas como a categoria maior e mais abrangente, podendo ser definida como publicações editadas em partes sucessivas, com indicações numéricas ou cronológicas, destinadas a serem continuadas indefinidamente.¹

Elas incluem periódicos, jornais, anuários e anais de sociedades científicas, entre outros. Assim, os periódicos se constituem em uma das categorias das publicações seriadas que apresentam como características particulares:

- serem feitas em partes ou fascículos;
- numeradas progressiva ou cronologicamente;
- reunidas sob um título comum;
- editadas em intervalos regulares, com a intenção de continuidade infinita;
- formadas por contribuições, na forma de artigos assinados;
- sob a direção de um editor; e
- com um plano definido que indica a necessidade de um planejamento prévio.

Machlup e Lesson dividem os periódicos em dois grandes grupos, de acordo com o tipo de leitores a que se destinam: os dedicados aos leitores gerais e não especializados são os "magazines" (em inglês) e os dedicados aos leitores especialistas em determinadas área ou interessados no tratamento intelectualizado de um assunto, são os "journals"². Isto significa que os "magazines" são entendidos como publicações que apresentam contribuições não científicas, enquanto os "journals" são, por definição, publicações científicas. Em português, os "magazines" são conhecidos por revistas e os "journals", na falta de termos mais apropriados, podem ser denominados tanto por "revistas científicas" quanto por "periódicos científicos".

A palavra “Revista”

De acordo com o dicionário francês *Le Robert*, a palavra é derivada da inglesa *review* e foi somente em 1705 que o termo passou a ser utilizado no sentido de publicação, definindo-o como “publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins”³. Já nos dicionários de língua portuguesa, a gênese da palavra *revista* é situada no final do século XIX, quando, desgarrada do significado usual de “passar a tropa em revista”, assume o status de publicação, mencionada sob a seguinte definição: “título de certas publicações periódicas, em que são divulgados artigos originais de crítica ou análise de determinados assuntos”⁴.

¹ STUMPF, Ida Regina Chitto. Reflexões sobre as revistas brasileiras. Disponível em <<http://www.intexto.ufrgs.br/v1n3/a-v1n3a3.html>>. Acesso em 15 de março de 2005.

² MACHLUP, F. LESSON, K. e outros. Information T. the P. World. In: STUMPF, Ida Regina Chitto, idem.

³ ROBERT, Paul. Le Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. In MARTINS, Ana Luíza, *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, 2001.

⁴ FREIRE, Laudelino, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. In: MARTINS, Ana Luíza, idem.

Clara Rocha⁵ confirma este entendimento ao concluir que uma revista é uma publicação que, como o próprio nome já define, passa em revista diversos assuntos, permitindo assim uma leitura fragmentada, não contínua e, muitas vezes, seletiva. É um tipo de publicação que é abandonada após terminada a leitura, ao contrário dos livros, menos efêmeros.

De acordo com a autora Ana Luíza Martins, em seu livro “Revistas em Revista: Práticas Culturais em Tempo de República, São Paulo (1890 – 1922)”, a produção da revista em formato de jornal, trazendo as folhas soltas, foi prática frequente no jornalismo, dificultando assim singularizá-la a partir de sua configuração. Tanto quanto o uso indiscriminado de sua forma, o emprego da nomenclatura também gerou equívocos. Um dos problemas estava no fato de que os mentores das publicações, muitas vezes interessados em valorizar o produto, davam a denominação de revista a publicações que não passavam de meros “jornalecos”.

Histórico

As primeiras revistas publicadas de acordo com a concepção que temos atualmente foram a *Edinburgh Review* (1802), seguida da *Quarterly Review* (1817) e da *Blackwood's Magazine* (1817), todas da Grã-Bretanha, país de conceituada tradição periodística. Porém, estas publicações são marcos sinalizadores apenas do surgimento do impresso “revista”, pois as primeiras edições periódicas configuradas na forma de jornal retrocedem no tempo, circulando episodicamente desde o século XVII.

⁵ ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. In: MARTINS, Ana Luíza. Idem.

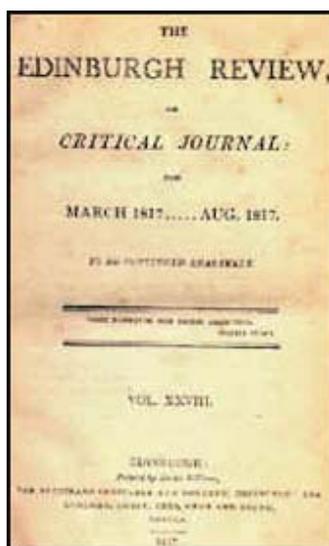


Figura 01 – Capa da primeira edição da *Edinburgh Review*

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação. A Europa passava por transformações que criaram a conjuntura propícia para que este tipo de publicação virasse uma febre. As gráficas experimentavam grande avanço técnico e a população de leitores aumentava consideravelmente. Favoreciam ainda este cenário o alto custo dos livros e o mérito das revistas de condensar, em uma só publicação, uma gama diferenciada de informações. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação.

Além disso, seu baixo custo para o consumidor e sua configuração leve, de poucas folhas e com leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos. Algumas delas, fundadas entre 1840 e 1890, estão vivas até hoje. É o caso da *Scientific American* e da *National Geographic Magazine*. No Brasil, a mais antiga ainda em circulação é a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839).

Mesmo com todo o sucesso do gênero, as revistas também conheceram alguma discriminação por parte de especialistas, que por um lado, recriminavam o caráter rigorosamente científico de algumas, dirigidas a leitores especializados; por outro, o conteúdo absolutamente frívolo das demais, como as *magazines* semanais de Londres, que não interessavam aos leitores mais sérios.

No curso da trajetória das revistas, houve ainda um marco revolucionário na imprensa da época: os recursos da ilustração, que enriqueciam ainda mais aquelas publicações, transformadas em objetos atraentes, acessíveis até mesmo ao público menos afeito à leitura, se não à população analfabeta, que recebia as mensagens por meio dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível.

Brasil

Patrícia Ceolin Nascimento, em seu livro *Jornalismo em Revista no Brasil – um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*⁶, explica que são do século XIX as primeiras notícias a respeito das revistas brasileiras. Muitas de vida efêmera, tais publicações, por vezes, eram definidas como “ensaios” ou “folhetos”. Assim ocorreu com aquela que ficou conhecida como a primeira revista do Brasil: *As variedades ou Ensaios de Literatura*, 1812:

Quem chamaria aquilo de revista? Nem mesmo seu editor, o tipógrafo e livreiro português Manoel Antônio da Silva Serva, ao colocá-las à venda em Salvador, no mês de janeiro de 1812, Silva Serva apresentou As variedades ou Ensaios de Literatura como “folheto” – embora o termo “revista” já existisse desde 1704, quando Daniel Defoe, autor de Robinson Crusoe, lançou em Londres A Weekly Review of the Affairs of France. (A Revista no Brasil, 2000:16)

⁶ NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em Revista no Brasil – um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Anablume, 2002.

As Variedades teve apenas duas edições e, assim como outras revistas da época, não tinha caráter noticioso. Segundo Werneck Sodré⁷, a publicação “propunha-se a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores clássicos, anedotas, etc. Suas características de jornal, assim, eram muito vagas. Foi ensaio frustrado de periodismo de cultura – destinava-se a mensário – que o meio não comportava”.

A exemplo de *As Variedades*, as primeiras revistas brasileiras foram, em geral, publicações institucionais e eruditas, que pouco lembravam a configuração de temas do veículo de hoje. Entre elas, podemos citar: Revista da Sociedade Filomática (1833), Revista da Sociedade Ensaio Literários (1876), Revista da União Acadêmica (1899), Revista Semanária dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados (1828) e Revista Brasileira (1857).

Foi somente no início do século XX que as revistas começaram a ganhar definição e espaço diferenciado em relação aos jornais, que passavam, naquele momento, por mudanças estruturais, especialmente com a separação do material literário: “as colaborações literárias começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem-se matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário”⁸.

Para Sodré é um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nesta fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas.

⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

⁸ Idem



Fig. 02 – Primeira capa da revista “O Cruzeiro”.

Porém, o marco do jornalismo em revistas daria-se apenas em 1928, com a criação da revista *O Cruzeiro*, por Carlos Malheiros Dias e que passaria a integrar, juntamente com *A Cigarra*, o grupo de Assis Chateaubriand, os Diários Associados. Considerada como pioneira na reportagem, a revista consolidou-se no gênero com a dupla Jean Manzon e David Nasser, na década de 40, e circulou até 1975.

Em 1952, é lançada a revista *Manchete*, por Adolpho Bloch. Com a concepção tida como mais moderna e um amplo espaço destinado a fotos, a revista alcançou popularidade com reportagens históricas, como a dedicada à inauguração de Brasília, em 1960.



Figura 03 – Exemplar da revista *Manchete* com especial sobre a gravidez da apresentadora Xuxa.

Sodré afirma que quatro grupos de revistas prevaleciam no Brasil no início da década de 70: informação geral e entretenimento, informação e análise, revistas femininas ou dedicadas a problemas da família e revistas de conhecimentos gerais. Para Sodré, em todos os grupos a noção de catálogo tende a se sobrepor à idéia de notícia, uma vez que a produção editorial das revistas estaria comprometida com três elementos básico: o sucesso, a sensação e o relaxamento.

Outra proposta neste sentido é de K.P. Vallada, que propõe uma divisão das revistas nacionais em quatro classes, baseada nos pressupostos da ciência da informação: informativas, de interesse geral, de interesse específico e especializadas.

Tais grupos, no entanto, tendem a ser pensados de forma cada vez mais segmentada. De acordo com Patricia Ceolin, considera-se hoje no Brasil pelo menos vinte gêneros na classificação dos principais títulos em circulação: interesse geral/ informação/ atualidades, interesse geral/ leitura, interesse geral/ negócios, interesse geral/ turismo, feminina/comportamento/ beleza, feminina/jovem, feminina/moda/trabalhos manuais, feminina/puericultura, feminina/culinária, feminina/saúde, masculina/esporte/automóvel, arquitetura, decoração, astrologia, cinema, música/TV, construção, infanto-juvenil, games/informática, outros.

Capítulo II

Mães solteiras – definições, história e estatísticas

Definições

O antigo Código Civil de 1916 dizia que a família era formada pelo casamento de um homem com uma mulher. Com isso, as pessoas que não eram casadas não eram consideradas família mesmo que morassem juntas e/ou já tivessem filhos. A situação só se modificou após o ano de 1988, quando houve a promulgação da nova Constituição Brasileira. Ela dispõe, no artigo 226, parágrafo 4, que entende-se também como entidade familiar a comunidade formada por qualquer um dos pais e seus dependentes.

Atualmente, de acordo com o Direito, toda família formada por apenas um dos genitores e seus filhos descendentes, independentemente da convivência do outro genitor, é chamada de monoparental. Uma família monoparental pode viver independentemente ou integrar-se no lar de outras pessoas, como por exemplo, os avós.¹

Contexto histórico

As mães solteiras sempre existiram na história da humanidade. Durante muito tempo foram nitidamente discriminadas pela Sociedade e pela Igreja. Um bom exemplo histórico de discriminação é o Código Napoleônico de 1804 que, entre outras coisas, proibia a investigação da paternidade, com o objetivo de proteger a estabilidade da família legítima.

¹ PALMA, Rúbia. Famílias Monoparentais. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

No caso da Igreja Católica, a discriminação é demonstrada claramente no filme “Em Nome de Deus”, do diretor Peter Mullan, quando as personagens Rose (Dorothy Duffy) e Crispina (Eileen Walsh) são mandadas por seus parentes para um convento por serem mães solteiras. Ainda no século 19, era tão escandaloso ser mãe solteira que havia, no Rio de Janeiro, um lugar chamado Roda dos Enjeitados, mantido pela Igreja Católica, em que estas mães colocavam os seus filhos pequenos que não poderiam criar. A Roda era constituída por uma caixa cilíndrica de madeira, dividida em dois compartimentos e que girava em torno de um eixo. A mãe colocava a criança em um dos compartimentos e girava a Roda, fazendo com que o bebê fosse para o interior da construção sem que fosse preciso divulgar sua identidade. Mais tarde o Código de Menores proibiu o sistema das Rodas, de modo que os bebês tinham que ser entregues diretamente a pessoas destas entidades, sendo garantido o anonimato das mães.



Fig.04 – Cena do filme “Em Nome de Deus”

Até a metade do século passado, tanto no Brasil quanto na Europa, as mães solteiras foram desprezadas pela opinião pública e, por meio da legislação familiar foram impedidas de participar da sociedade e da vida pública. Para exemplificar, é interessante citar o caso da comunidade

ucraniana no Brasil, em meados de 1900, narrada pela professora de História Maria Luíza Andrezza²:

No conjunto, a comunidade zelou pelo princípio segundo o qual relacionamento sexual e filhos são decorrências do casamento. Ao longo de quatro gerações, conta-se nos dedos o número de moças que casaram grávidas, e foram poucas as crianças registradas apenas com o nome das mães. Apesar de raras, cabia às mães solteiras triste sina. Não podiam usar tranças típicas de donzelas, apenas um lenço que assinalava o estatuto de mulher casada. No entanto, não se perfilavam ao lado das casadas nem das solteiras. Na igreja, ficavam no babenétz, local mais distante do altar, onde não havia bancos ou genuflexórios. O repúdio às mães solteiras decorria da crença segundo a qual a vida humana não podia ser solitária. Dependia de uma trama de compromissos mútuos, dentre os quais o familiar seria essencial.(ANDREAZZA)

É interessante reparar que os nazistas não discriminavam as mães solteiras e que o Estado oferecia assistência à criação das crianças. O que importava era a geração de um filho de “raça pura”, não o estado civil. Porém, havia uma condição: estas crianças pertenciam ao Estado e não às mães.³

A partir de 1941, o Brasil passou a legislar com maior justiça acerca desse tema. O Decreto-Lei nº 3200/41, de 1949, dispôs sobre a guarda do filho natural; a Lei nº 883 permitiu o reconhecimento do filho adulterino; em 1989, a Lei nº 7841 permitiu o reconhecimento dos filhos incestuosos; e, mais recentemente, a Lei nº 8560/92 permitiu a ação de investigação de paternidade e reconhecimento de filiação à mãe solteira.

A Igreja Católica, atualmente, já não se recusa mais a batizar filhos de mães solteiras, com a ressalva de que o padre deve, antes, conscientizar a mãe para a educação cristã do filho.

² ANDREAZZA, Maria Luíza. Ucrânianos no Brasil. Disponível em <http://www.ecclesia.com.br/eparquia/ucranianos/bravos_da_ucrania.htm>. Acesso em 13 de abril de 2005.

³ Autor desconhecido. Histórico do Nazifacismo. Vesper Estudo Orientado. São Paulo. Disponível em <<http://www.escolavesper.com.br/neonazismo/cap.htm>>. Acesso em 04 de maio de 2005.

Em 1999, o então ministro da Saúde, José Serra, demonstrou que a discriminação agora é mais velada, ao afirmar que a gravidez da apresentadora infantil Xuxa, não seria um bom exemplo para as jovens brasileiras e que isto incentivaria a gravidez precoce. Na época, Xuxa estava grávida de sua filha Sasha, mas não havia se casado com o pai da criança, o ator Luciano Zafir. Posteriormente, como candidato à presidência, José Serra voltou a tocar no assunto durante entrevista à radio CBN, ao dizer que as mulheres que assumem abertamente na mídia a condição de mães solteiras são um exemplo negativo para as adolescentes brasileiras. Na época, Xuxa respondeu que a declaração era injusta e demagógica.



Fig. 05 – Apresentadora Xuxa Meneghel e sua filha, Sasha

Tempos de liberdade

Cada vez mais, as mulheres chegam mais longe em sua trilha por independência e liberdade. Atualmente, as mães solteiras já não enfrentam a discriminação aberta dos tempos antigos e, com o aumento assustador do número de casos, a gravidez fora do casamento passou a ser considerada, se não quase que normal, muito mais aceitável socialmente.

Inclusive, o fato de que algumas mulheres que alcançaram sua independência financeira ainda não encontraram o parceiro ideal para casar e ter filhos, não as priva de usufruir dos prazeres da maternidade. A cantora Madonna⁴ tornou-se o principal símbolo de um grupo feminino cada vez mais numeroso e assumido, que busca a chamada produção independente. Sua primeira filha, Lourdes, nasceu em 1996, fruto do namoro com seu preparador físico, Carlos León. Em 2000, ela teve seu segundo filho, Rocco, do produtor britânico Guy Ritchie. Apenas após o nascimento deste foi que eles casaram-se. Claude Chirac, filha do ex-presidente da França, Jacques Chirac (conhecido mundialmente por sua fama de conservador), também não casou-se com o pai de seu filho, um ex-campeão de judô.



Fig. 06 – A cantora pop Madonna e sua filha, Lourdes

Essa liberdade de criar um filho sem a presença paterna teve seu embrião nos anos 60, com o movimento feminista e a liberação sexual, quando a procriação começou a se desvincular do casamento. A socióloga Elza Berquó⁵, da Unicamp, afirma que além da revolução dos costumes a produção independente também está ligada à idade. "Consciente de suas poucas chances de casamento, muitas mulheres optam por uma família, ainda que incompleta, a não

⁴ CARLA GULLO; Chantal Brissac. Famílias Coloridas. IstoÉ, São Paulo, 21/08/96.

⁵ Idem.

terem nenhuma." Com o passar do tempo, as ligações definitivas, como as de pai e mãe, vão se perdendo e as pessoas sentem necessidade de criar vínculos duradouros.

Na verdade, o conceito de família se ampliou. Por isso, o texto final da Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Pequim no final de 95, mudou a palavra família por famílias. Até pouco tempo, para a legislação, era o homem o chefe da casa. Hoje cada vez mais mulheres assumem essa função. "A família sofreu uma mudança radical nas últimas décadas, da mesma maneira que a virgindade e a fidelidade", diz a deputada e sexóloga Marta Suplicy. Ela tem em casa um exemplo dessa revolução. Há 30 anos, sua sogra, Filomena Matarazzo Suplicy (mãe do senador Eduardo Suplicy), uma paulistana tradicional, de família católica praticante, não recebia pessoas desquitadas. Mas acabou ajustando suas firmes convicções religiosas à realidade e, mesmo a contragosto, passou a aceitar a visita de divorciados. Afinal, simplesmente seis de seus 11 filhos são separados, ou casados com pessoas desquitadas. "Mesmo não mudando de opinião, dona Filomena teve de se adaptar", explica Marta. Ou seja, muita famílias não pensam mais em convenções, mas sim em felicidade. ⁶

Estatísticas

O número de mães solteiras vem aumentando cada vez mais no Brasil e no mundo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁷, em 1991 existiam no Brasil 4.265.599 (14,9%) mulheres responsáveis pelo sustento da família, sem cônjuge e com filhos. Este número, em 2000, aumentou para 6.047.643 (17,3%). Esta realidade bastante diferenciada regionalmente. O Distrito Federal é a Unidade da Federação com maior percentual de famílias monoparentais chefiadas por mulheres. (21,6%). O estado de Pernambuco vem em segundo

⁶ Ibidem

lugar, com 20,3% e Sergipe vem em terceiro, com 20%. O estado com menor incidência é o de Santa Catarina, com 12,9%.

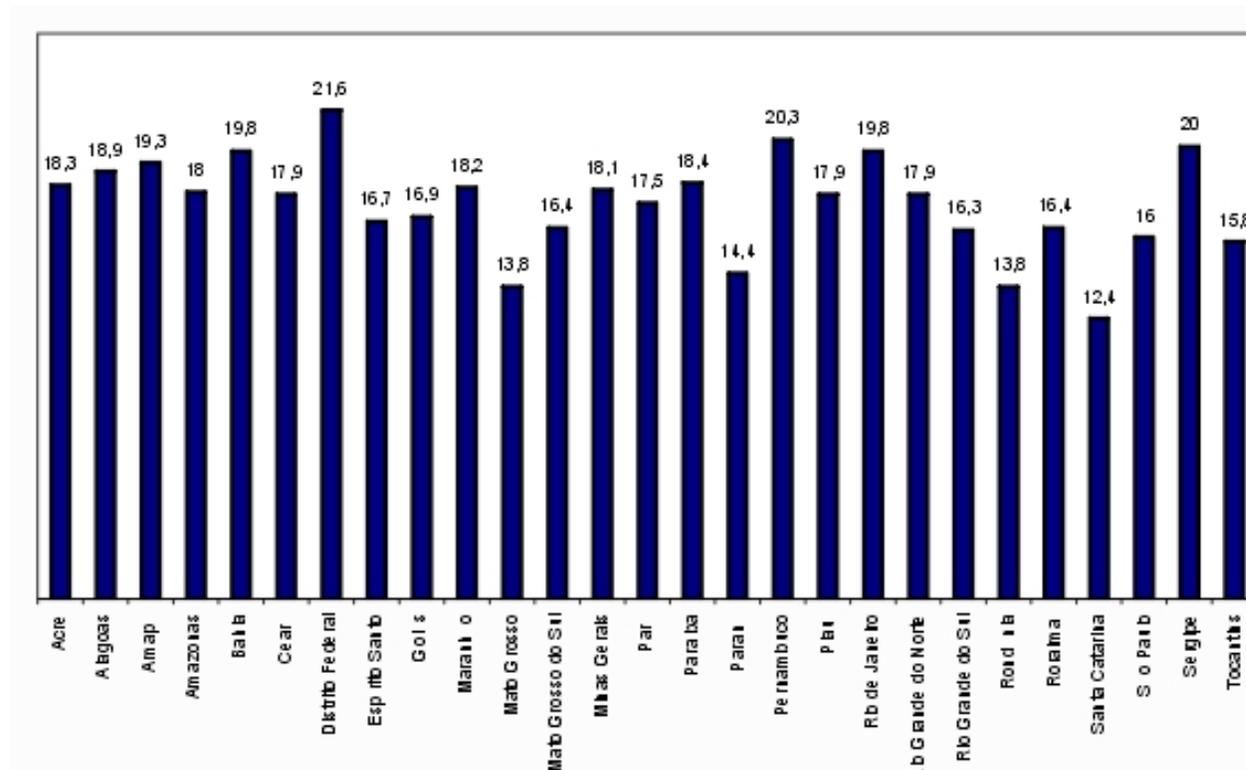


Fig.07 – Proporção de mulheres responsáveis, sem cônjuge, com filhos, segundo as Unidades da Federação - 2000

Uma pesquisa realizada pela UNESCO no Brasil (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) demonstrou que em muitas escolas brasileiras, jovens alunas são estigmatizadas por serem mães sem estarem unidas maritalmente. Porém a extensão da discriminação é relativa, não sendo predominante na maioria das escolas⁸.

Assim, tem-se que a proporção de alunos de escolas públicas e privadas que indicaram afirmativamente que não gostariam de ter mães solteiras como colega de classe varia entre 4,7%

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2000 – Famílias e Domicílios – Resultados da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

⁸ UNESCO. Pesquisa Juventudes e Sexualidade. Disponível em <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/juventudes>>. Acesso em 04 de maio de 2005.

e 2,2% Aparentemente, tais proporções parecem baixas, contudo, são preocupantes tratando-se de preconceitos, pois correspondem, em números absolutos, a 17.337 alunos em Fortaleza e 14.794 em São Paulo que assumem que não gostariam de ter mães solteiras como colega de classe.

Já entre os pais, em algumas capitais, o nível de incidência do preconceito é mais alto que entre os alunos. Chega a 7,5% a proporção de pais que indicam que não gostariam que mães solteiras fossem colegas de escola de seus filhos. Entre os professores, os registros dos percentuais são insignificantes, variando entre 1,1% e 0,3%.

Capítulo III

Revistas Crescer e Pais e Filhos – análise do discurso de quatro exemplares

Informações iniciais

Revista Crescer

Lançada em 1993, sob a coordenação de João Magalhães, diretor de redação. De acordo com a redação da revista, o objetivo desta publicação é informar gestantes e mães de crianças até cinco anos sobre os seguintes assuntos: saúde, educação e comportamento.

Exemplares analisados:

- Edição 121 de dezembro de 2003 (Natal)



Fig. 08 – Capa da Edição 121 da revista Crescer

- Edição 131 de outubro de 2004 (Dia das crianças)



Fig.09 – Capa da edição 131 da revista Crescer

Revista Pais e Filhos

Relançada em 2003, sob a direção de Mônica Figueiredo, a revista *Pais e Filhos* foi uma das revistas da Editora Bloch a ser reeditada pela nova Editora Manchete. De acordo com a redação da revista, o objetivo desta publicação é prover informação e apoio na sagrada missão de educar os filhos.

Exemplares analisados:

- Edição 417 de dezembro de 2004 (Natal)
- Edição 403 de outubro de 2003 (Dia das crianças)



Fig.10 – Capa da edição 403 da revista Pais e Filhos

Edições de Dezembro – Natal

Anúncios publicitários

A revista *Crescer* apresentou 14 anúncios, contra 18 da *Pais e Filhos*. A maior parte dos anúncios é de produtos para as crianças, como calçados, cremes para assadura e brinquedos. Mas também foram encontradas peças voltadas para as mães e para as gestantes, como jóias, lingerie e bebidas. Nenhum dos anúncios era voltado para os pais ou para o público masculino.

De todas as peças publicitárias do exemplar analisado da revista *Pais e Filhos*, apenas dois faziam referência ao pai/marido: um creme de assaduras, no qual aparecia um pai e sua filha, e uma coleção de jóias, que fazia referência textual ao marido. Já na revista *Crescer*, apenas um anúncio fazia referência aos pais, apresentando a foto de um casal com um bebê e a seguinte frase: “[a] participação do pai é sempre importante”. Vale também citar um anúncio de creme para assaduras que mostrava um bebê e uma mão feminina com uma aliança no dedo anular.

Fotos

Foram observadas poucas fotos de homens adultos nos exemplares analisados, tanto da *Pais e Filhos* quanto da *Crescer*. Grande parte das fotos são de crianças, bebês e produtos. No Especial de Natal da revista *Crescer*, pode-se encontrar fotos de alguns dos casais entrevistados, como por exemplo os atores Cláudia Raia e Edson Celulari. Já na *Pais e Filhos*, aparece o jogador Dodô com sua filha na seção “Conversa de Homem”.

Nas demais fotos, são encontradas apenas as crianças ou – o que é mais freqüente – as mães e as crianças/bebês.



Fig. 11 – Aline Cohen e seus filhos – foto publicada na reportagem especial sobre o Verão da edição 121 da revista *Crescer*

Conteúdo

As duas revistas fazem poucas referências aos pais (no sentido masculino). Na maior parte do tempo, as referências são feitas às “mães” ou “pais” (no sentido de pai e mãe). Em raros casos foi encontrada a declaração de um pai sobre o assunto abordado. Em praticamente todos os casos, as opiniões colhidas foram de mães. Uma exceção foi encontrada na reportagem sobre o Verão da revista *Crescer*, quando um pai conta o caso da filha. Outro caso foi encontrado na seção “Pais e Filhos Notícias”, da revista *Pais e Filhos*, onde duas frases de pais famosos ilustram as páginas.



Fig.12 – Rodrigo Macedo e sua filha Ana Flora – foto publicada na reportagem especial sobre o Verão da edição 121 da revista Crescer

Porém, pode-se afirmar que praticamente não há referência aos pais ou maridos nas revistas, excetuando-se um ou outro caso, quando uma mãe inclui o marido em seu depoimento. Bom exemplo pode ser encontrado na reportagem sobre parto cesárea da revista *Crescer*, que não contempla a opinião dos pais sobre o assunto. O único homem citado na matéria é um médico obstetra, coordenador de um programa paulista de pré-natal. Inclusive, vale ressaltar que tanto em uma quanto em outra revista, é grande a presença de homens que apresentam suas posições profissionais, como obstetras, pediatras e psicólogos, entre outros.

Muitas vezes há referência à mãe e aos filhos, sem qualquer referência ao estado civil ou ao pai, não oferecendo embasamento para entender se são ou não mães solteiras. Aliás, não foi encontrada qualquer referência sobre o assunto (mães solteiras) em qualquer um dos exemplares analisados.

Edições de Outubro – Dia das Crianças

Anúncios publicitários

O exemplar analisado da revista *Crescer* de outubro apresentou 18 anúncios, enquanto na *Pais e Filhos* foram encontrados 23. Assim como na análise anterior, a grande maioria dos anúncios era voltada para o público de mães e exibia imagens de crianças ou dos próprios produtos.

Apenas um anúncio na *Crescer* apresentava um pai juntamente com o filho: o seguro de vida de um banco privado. O mesmo anúncio pôde ser encontrado também no exemplar analisado da *Pais e Filhos*, onde também encontrou-se outras duas referências aos pais: o anúncio de uma empresa de cosméticos que enfatiza a importância da participação do pai (peça publicitária encontrada também no exemplar de *Crescer* anteriormente analisado) e o anúncio de um banco estatal que exibe a imagem de um pai e seu filho.

Assim como na análise anterior, foram observadas poucas fotos de homens adultos nos exemplares analisados. Uma diferença pôde ser percebida na seção “Filho de Peixe” da revista *Crescer*, que apresentou, desta vez, fotos de três pais e seus filhos (no outro exemplar analisado, eram três mães e suas filhas). Outro fato que merece destaque é o “Guia Crescer”, que apresentou mais ilustrações com imagens de pais do que na análise anterior.

Já na *Pais e Filhos*, foi maior a incidência de fotos de pais neste exemplar do que no analisado anteriormente. Em pelo menos três seções (“Entrevista”, “Conversa de Homem” e “Com os nossos pais”) foram encontradas fotos de famílias (pai, mãe e filhos).

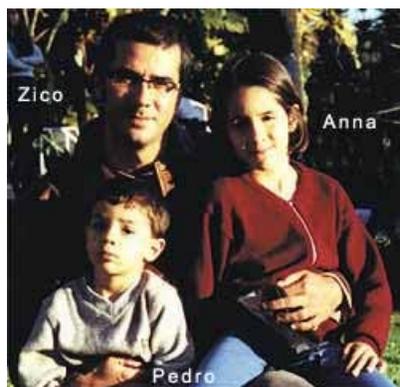


Fig. 13 – O diretor de programação da MTV, Zico Góes e seus filhos – foto publicada na seção “Conversa de Homem” da edição 403 da revista Pais e Filhos.

Conteúdo

Novamente há uma maior utilização da palavra “pais” no sentido mais amplo (pai e mãe). Apesar disso, é grande o número de vezes em que é utilizada apenas a palavra “mãe”. Neste exemplar analisado da *Crescer* há uma matéria específica para mães casadas: fala sobre a mudança do comportamento sexual do casal após o nascimento de um filho.

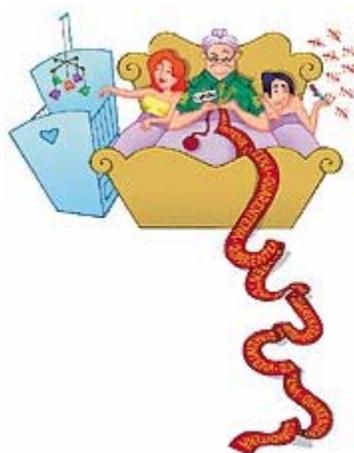


Fig 14 – Ilustração da seção Sexo da edição 131 da revista Crescer.

Os pais foram mais citados e tiveram maior espaço no exemplar da *Pais e Filhos* do que na *Crescer*. Há mais depoimentos de homens e a entrevista especial é com o ator Renato Aragão, pai de cinco filhos. Além disso, há uma matéria sobre divórcio, pensão alimentícia e direitos das mães e das crianças.



Figura 15 – Foto do ator Renato Aragão com sua filha e esposa, publicada na edição 403 da revista Pais e Filhos

Capítulo IV

Entrevistas

Periódicos

Foram realizadas quatro entrevistas: duas com mães solteiras e duas com mães casadas. Das duas casadas, uma tinha o apoio do marido para a criação do filho e outra não. No caso das mães solteiras, as duas convivem bem com isso e encaram a situação com naturalidade. Uma tem contato contínuo com o pai da criança e a outra não. Segue um resumo de cada uma das entrevistas.

Leila Souza

Idade: 28 anos

Estado civil: União estável

Filhos: 01

Nome e idade dos filhos: Caio, 4 anos

A entrevistada costumava ler a revista Crescer quando seu filho Caio nasceu e continuou até que ele completasse 3 anos, sempre comprando em bancas de jornal. Ela acha que a revista ajudou-a a esclarecer muitas dúvidas sobre a criação de seu filho. Sua seção favorita é a de Comportamento e a matéria que mais chamou sua atenção foi uma sobre crianças hiperativas.

De acordo com ela, seu marido Sidney ajuda pouco na criação do filho. “Ele só entra como último recurso, quando já tentei de tudo”, conta. Ela não tem certeza se as revistas incentivam a participação dos pais na criação dos filhos. “Nunca reparei muito nisso”, explica.

Leila conta que já sentiu que uma matéria não havia sido escrita para pessoas como ela: “Algumas matérias são exageradas, para mães super protetoras. Eu não sou assim”. Ela diz também que o marido também lia as revistas de vez em quando. “Isso foi importante,

principalmente no caso da matéria sobre crianças hiperativas: ele entendeu que o Caio não era uma criança desobediente e mal educada. Ele tem uma doença que precisa ser tratada”, conta Leila.

Cardilazir Xavier

Idade: 27 anos

Estado civil: União estável

Filhos: 02

Nome e idade dos filhos: Carolina (2 anos e 5 meses) e Heloísa (5 meses)

Cardilazir nunca fez assinatura de nenhuma das duas revistas. “Eu lia quando via na banca e tinha algum assunto que me interessava. Ou então, quando ganhava de alguma amiga”, explica. E gosta mais da Pais e Filhos: “acho os assuntos mais interessantes e gosto do visual”.

Ela costuma fazer com que o marido também leia as reportagens. “Nós dois temos que saber criar as meninas. Não adianta nada eu me informar sozinha e ele não compartilhar este conhecimento. Nós dois somos responsáveis pela educação das nossas filhas”, diz. De acordo com ela, o marido Cleberson é participativo na criação das duas filhas. “Ele já ajudava quando tínhamos apenas a Carolina. Agora, com o nascimento da Heloísa, foi preciso dividir ainda mais as tarefas e ele ajudou bastante”, conta.

A reportagem que mais a marcou foi uma publicada na Pais e Filhos sobre ciúmes dos irmãos mais velhos. “Passamos por um mal pedaço quando a Heloísa nasceu. A Carol ficou extremamente enciumada e passou a ser mal educada conosco. Eu e o Cleberson lemos a reportagens e colocamos as dicas em prática. Foi muito bom”, explicou.

Ela diz achar que as revistas não incentivam suficientemente a participação dos pais na vida dos filhos. E que a mídia deveria divulgar mais a mensagem de que criar os filhos é obrigação do pai e da mãe. “Se não, acontece o que vemos sempre por aí: a mãe se matando para dar conta de tudo e o pai tranqüilo, levando a vida como se nada tivesse mudado”, acrescenta.

Elisabeth Dias**Idade:** 31 anos**Estado civil:** solteira**Filhos:** 01**Nome e idade dos filhos:** Beatriz, 2 anos e 7 meses

Elisabeth fez assinatura da revista Crescer assim que engravidou, mas trocou no ano seguinte pela da Pais e Filhos. “Gosto mais do estilo da Pais e Filhos. Talvez porque a editora seja a mesma que fazia a Capricho quando eu era adolescente”, explica. Ela diz que sua seção favorita é a de saúde, pois ajuda a desmistificar alguns problemas simples que parecem complicados.

Ela diz que o pai de sua filha participa na criação, mas que fica por conta dela a maior parte das decisões. “Não moramos na mesma casa e ele só vê a Bia de vez em quando. Não dá pra educar verdadeiramente uma criança deste modo”, diz. Apesar disso, ela não vê problemas em ser mãe solteira e nunca se sentiu discriminada por isso.

Elisabeth diz que não se incomoda com a menção aos pais que encontra nas revistas. E diz não ter reparado se isto é ou não frequente. “Tenho noção de que é importante a participação do pai. E eles (a revista) têm mais é que incentivar isto mesmo”, diz.

Dinah Cardim**Idade:** 26 anos**Estado civil:** solteira**Filhos:** 01**Nome e idade dos filhos:** Marianna, 1 ano e 6 meses

Dinah fez assinatura da revista Crescer logo que sua filha Marianna nasceu. E diz que, apesar de algumas dicas terem sido legais, isso não foi suficiente para manter a assinatura. Sua seção favorita é a de Comportamento.

O pai de sua filha não participa da criação, além de morar em outra cidade. “Sei que um pai é importante, mas ele mesmo se afastou e eu não posso obrigá-lo a ser mais

presente. Ele só fará se tiver vontade”, explica. Ela diz que nunca se sentiu discriminada por ser mãe solteira, mas já sentiu que uma matéria não havia sido escrita para ela. “De vez em quando eles vêm com aquelas matérias sobre o antes e o depois do casamento quando os filhos nascem. Com certeza, não é a minha realidade”, diz.

Dinah acrescenta ainda que qualquer revista deste tipo valoriza a participação de pai e mãe, o que realmente é importante. “Só acho que deveria haver mais matérias voltadas para as mães solteiras”, confessa.

ANÁLISE

REFERENCIAL TEÓRICO

ANEXOS

Anexo

Histórico das Revistas no Brasil

1812 - Surge As Variedades ou Ensaios de Literatura, vinculado à maçonaria, a primeira revista brasileira

1852 - Circula na Bahia o Jornal das Senhoras, o primeiro periódico feminino do Brasil. É fundado e dirigido por V. A Ximenes de Bivar e Velasco, filha do redator de Idade d'Ouro e de As Variedades, a primeira mulher a exercer funções de direção na imprensa brasileira. É editado até 1855.

1852 - 1853 - Aparecem as primeiras revistas culturais, e jornais publicam obras de grandes escritores da época em folhetins. Entre elas, Memórias de um Sargento de Milícias (1852 - 1853), escrita por Manuel Antônio de Almeida no Correio Mercantil; o romance O Guarani (1857), de José de Alencar, no Diário do Rio de Janeiro; e a Mão e a Luva (1874), em O Globo, e Iaiá Garcia (1878), em O Cruzeiro, ambas de Machado de Assis.

1876 - O ilustrados Ângelo Agostini funda a Revista Ilustrada, cujas as charges políticas são um marco na campanha pela libertação dos escravos. Desenvolve na revista As Aventuras de Zé Caipora, a primeira história em quadrinhos de longa duração feita no país, e retrata com humor a vida política nacional.

1878 - A revista ilustrada e humorística O Besouro, fundada em março pelo chargista português Rafael Bordalo Pinheiro no Rio de Janeiro, publica no dia 20 de julho as primeiras fotos da imprensa brasileira, que retratava crianças abatidas pela seca do nordeste

1892 - Surgem os primeiros jornaleiros e as primeiras bancas de jornais e revistas no Brasil. A circulação de jornais é estimulada a partir de 1844, quando os correios passam a entregar correspondência em domicílio. Em 1858, o jornal Atualidade já possui entregadores para venda avulsas nas ruas do Rio de Janeiro. Em 1872, os pontos-de-venda ingressam também em quiosques instalados nas ruas centrais do Rio e de São Paulo. No século XX multiplicam-se as bancas de jornais e revistas em todo Brasil.

1923 - Lançamento da revista semanal norte-americana Time. A cobertura sistemática dos acontecimentos internacionais influencia revistas do mundo inteiro.

1924 - É criada a cadeia jornalística Diários Associados, com a aquisição de O Jornal pelo empresário Assis Chateaubriand. O jornalista e político paraibano Assis Chateaubriand torna-se dono de um império jornalístico - os Diários e Emissoras Associadas - que começa a se formar no final dos anos 20 e chega a reunir mais de cem jornais, revistas, estações de rádio e TV. É pioneiro na transmissão de televisão no país.

1925 - As Organizações Globo surgem com a aquisição do jornal O Globo dos Diários Associados pelo jornalista Irineu Marinho.

1928 - Os Diários Associados lançam O Cruzeiro, primeira revista semanal de circulação nacional.

1936 - Começa a circular a revista ilustrada de informação norte-americana Life.

1937-1945 - Getúlio Vargas, no período do Estado Novo, institui o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que veta o registro de 420 jornais e 346 revistas: apenas publicações ligadas politicamente ao presidente são autorizadas a circular. Apesar da censura, Vargas emprega altos

recursos na publicidade dos atos oficiais de seu governo, o que garante a expansão industrial de imprensa no período.

Década de 50 - A fotocomposição é introduzida nos jornais e revistas. Os textos e as fotos são produzidos em papel cuchê, montados a mão (past-up) e fotografados (fotolito).

1950 - Victor Civita funda a Editora Abril em São Paulo, em uma pequena sala no centro da cidade. Sete meses depois lança a primeira revista, O Pato Donald. No ano seguinte monta uma gráfica e, em 1925, publica a revista de fotonovelas Capricho. Segue-se Manequim, Quatro Rodas, Cláudia entre outras

1952 - Adolpho Bloch lança no Rio de Janeiro a revista ilustrada Manchete.

1960-1970 - Surgem várias publicações contrárias ao Regime Militar de 1964. Conhecida como imprensa alternativa, causou repercussão com mais de 42 veículos e um tiragem de 150 mil exemplares semanais. Entre os principais jornais desta época estão O Pasquim (1969), Opinião (1972), Movimento (1975) e Em Tempo (1977).

1966 - A Editora Abril lança a revista mensal Realidade, marco do jornalismo brasileiro por suas reportagens investigativas e qualidade gráfica.

1977 - A Editora Três lança a revista semanal de informações gerais Isto É.

1992 - Reportagens publicadas nas revistas Veja e Istoé denunciam o envolvimento do presidente Fernando Collor de Melo em um esquema de corrupção conhecido como Esquema PC. O caso gera um processo de impeachment e culmina com a renúncia de Collor no dia 29 de dezembro.

1998 - É lançada a revista semanal Época, da Editora Globo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Capa da primeira edição da <i>Edinburgh Review</i>	9
Figura 2 – Primeira capa da revista <i>O Cruzeiro</i>	12
Figura 3 – Exemplar da revista <i>Manchete</i> especial sobre a gravidez da apresentadora Xuxa . . .	13
Figura 4 – Cena do filme “Em Nome de Deus”	17
Figura 5 – Apresentadora Xuxa Meneghel e sua filha, Sasha	19
Figura 6 – A cantora pop Madonna e sua filha Lourdes	20
Figura 7 – Proporção de mulheres responsáveis, sem cônjuge, com filhos, segundo as Unidades da Federação – 2000.	22
Figura 8 – Capa da edição 121 da revista <i>Crescer</i>	24
Figura 9 – Capa da edição 131 da revista <i>Crescer</i>	25
Figura 10 – Capa da edição 403 da revista <i>Pais e Filhos</i>	25
Figura 11 – Aline Cohen e seus filhos – foto publicada na reportagem especial sobre o Verão da edição 121 da revista <i>Crescer</i>	27
Figura 12 – Rodrigo Macedo e sua filha Ana Flora – foto publicada na na reportagem especial sobre o Verão da edição 121 da revista <i>Crescer</i>	28
Figura 13 – O diretor de programação da MTV, Zico Góes e seus filhos – foto publicda na seção “Conversa de Homem” da edição 403 da revista <i>Pais e Filhos</i>	30
Figura 14 – Ilustração da seção “Sexo” da edição 131 da revista <i>Crescer</i>	31
Figura 15 – Foto do ator Renato Aragão com sua filha e esposa, publicada na edição 403 da revista <i>Pais e Filhos</i>	32

Conclusão

O estudo realizado com as revistas e as entrevistas com as mães mostrou uma realidade diferente da esperada. A julgar pelo contexto histórico e a sociedade na qual estamos inseridos atualmente, era de se imaginar que os veículos analisados fossem mais tradicionais e privilegiassem as mães casadas, mesmo que veladamente. Principalmente a revista *Crescer*, há mais tempo no mercado e produto de uma editora tradicional como a Globo.

Porém, os resultados demonstraram uma realidade contrária. Pode-se até mesmo dizer que os pais são excluídos das reportagens e que a presença masculina, em sua maior parte, está representada apenas pelos profissionais que são fontes das matérias. Há casos de pais entrevistados, mas estes são em número muito menor do que os de mães entrevistadas. Além disso, em muitas declarações das mães, não há qualquer referência ao pai ou marido, o que não nos dá a oportunidade de entender a situação conjugal da mesma.

Não apenas o conteúdo das revistas demonstra esta situação. Também os anúncios e as fotos levam para o mesmo caminho: poucos anúncios focados para o público de pais e poucas fotos de famílias ou de pais com seus filhos. A maior parte das ilustrações é de crianças, seguida de perto por mães e seus filhos.

Das revistas analisadas, a *Pais e Filhos* foi a que se mostrou mais voltada para a leitura dos pais, principalmente no exemplar de outubro. Neste, há várias referências ao pai e as matérias têm um foco mais voltado para que qualquer um dos dois possa ler sem se sentir marginalizado. Também há seções específicas, como a “Conversa de Homem”, onde quem se pronuncia é o pai, geralmente, uma personalidade amplamente conhecida pelo público brasileiro.

Outra surpresa foram as entrevistas com as mães, principalmente as solteiras. As duas entrevistadas afirmaram não sentir-se marginalizadas pelas publicações, nem incomodadas com as referências aos pais. Apenas uma acrescentou que gostaria de ver mais matérias específicas para mães solteiras nas duas revistas. Foi também aplicada uma pesquisa simples em alguma comunidades de mães solteiras no Orkut (“Sou Mãe Solteira Sim, e Daí?” “Mães Solteiras” e “Pais e Mães Solteiros”) com as seguintes questões:

- a) O que vocês acham das revistas *Crescer e Pais e Filhos*?
- b) Elas ajudam vocês a esclarecer as dúvidas?
- c) Alguma vez vocês sentiram-se discriminadas ou excluídas por algum motivo?
- d) Acham que eles valorizam a participação dos pais?

Também este exercício demonstrou o mesmo resultado: todas as mães que responderam afirmaram não sentirem-se marginalizadas pelas publicações. Apenas uma disse que sentia falta de mais matérias voltadas para as mães solteiras.

Não foi encontrada, portanto, nenhuma evidência de preconceito ou exclusão das mães solteiras, feitos deliberadamente, nas revistas analisadas. Apesar de constar em algumas matérias referências a pais e maridos, estas constituem minoria. A maior parte do conteúdo analisado não contém qualquer referência aos pais, sendo que quase a totalidade dos homens citados nas matérias é de profissionais, como obstetras e pediatras.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREAZZA, Maria Luíza. **Ucranianos no Brasil**. Disponível em http://www.ecclesia.com.br/eparquia/ucranianos/bravos_da_ucrania.htm. Acesso em 13 de abril de 2005.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. São Paulo: Ibrasa, 1972.
- CARLA GULLO; Chantal Brissac. **Famílias Coloridas**. IstoÉ, São Paulo, 21/08/96.
- ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981. 158 p.
- FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.
- Histórico do Nazifacismo. Vesper Estudo Orientado. Disponível em <http://www.escolavesper.com.br/neonazismo/cap.htm>. Acesso em 04 de maio de 2005.
- HOHENBERG, John. **Manual de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. 543p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2000 – Famílias e Domicílios – Resultados da Amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em Revista no Brasil – um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Anablume, 2002. 185 p.
- MACHLUP, F.; LESSON, K e outros. **Information Through the Printing World: the dissemination of schoraly, scientific and intellectual knowledge**. New York, Praeger, 1978. v.2: Journals.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo – a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000. 171 p.
- MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. 593 p.
- PALMA, Rúbia. **Famílias Monoparentais**. Rio de Janeiro: Forense, 2001. 92 p.
- RIOS, Elma. **Terapia Verde**. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em http://www.facom.ufba.br/acad_ens_grad_pex.html. Acesso em 05 de março de 2005.

ROBERT, Paul. **Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris : Société du Nouveau Littré, 1976.

ROCHA, Clara. **Revistas Literárias do Século XX em Portugal**. Lisboa: Casa da Moeda, 1985. 699 p.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. Brasília: Editora Brasiliense, 1980. 87 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. 501p.

STUMPF, Ida Regina Chittó. **Reflexões sobre as revistas brasileiras**. Disponível em <<http://www.intexto.ufrgs.br/v1n3/a-v1n3a3.html>>. Acesso em 15 de março de 2005.

UNESCO. **Pesquisa Juventudes e Sexualidade**. Disponível em <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/juventudes>. Acessado em 25 de abril de 2005.

XX CONGRESSO DA INTERCOM, 1997, Santos/SP. **Jornalismo e Ambiente Econômico Competitivo**, Santos, 1997. Disponível em <<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/helio-jornambiente.html>>, acesso em 10 de maio de 2004.